10/12/ 2009, 15h 15m, Escola Básica 2,3/S Bela Vista, Gabinete E. M.

Alunos: Bruno (7º ano Escola D. Manuel Martins)

(D1)

(Duração – 24m 28s)

Olá Bruno. Estou aqui na presença do Bruno, aluno de que escola?

D. Manuel Martins.

Então estás no 7º ano. Porquê teres ido para outra escola?

Disseram-me que era melhor.

E estás a gostar de lá estar?

Mais ou menos.

Tens saudades nossas?

Claro que sim.

Gostavas de andar nesta escola?

Agora sim.

Agora é que sentes que gostavas de andar nesta escola, explica-me lá isso melhor.

Aquela escola não gosto muito. Aqui já conhecia os professores, já tinha uma convivência maior, já estava mais habituado, fui para lá fiquei um bocadinho confuso.

Mas também sabes que indo para o 7º ano os professores não se mantinham os mesmos?

Pois, mas estava na mesma escola do que eles…

Sentias essa necessidade de apoio por parte dos professores, é isso que me estás a querer dizer?

Sim.

Então e sabes porque é que estamos aqui?

Por causa da Percussão do ano passado.

Foi um trabalho que tu gostaste de fazer?

Sim, muito.

Não fizemos esse trabalho durante todo o ano lectivo?

Não, mas foi uma coisa espectacular.

Foi algo que te marcou?

Foi.

Se alguém te perguntasse o que é que te marcou mais em termos de aprendizagem e de escola?

Foi a Percussão sem dúvida, foi uma coisa única, foi giro, não consigo explicar mais…

Pensando agora só na aula de Educação Musical. Consideravas a aula de Educação Musical um espaço onde te sentias bem?

Sim, porque… quando estava mal disposto ou qualquer coisa, aquilo me animava logo, aquilo era uma animação total.

Animação total porquê?

Porque a Stora era muito engraçada, aquilo era muito giro, podíamos…

A professora ia para lá contar anedotas, é isso?

(risos) não, a professora ensinava bem, brincava como podia, era giro.

Pensando agora no Projecto de Percussão com os objectos sonoros. O que é que mais te agradou?

O que mais me agradou foi os bidões, gostei muito.

Mas gostavas de quê?

De bater neles (risos)

E o que menos gostaste?

Não gostei menos de nada foi… gostei tudo muito, gostei muito de tudo.

(…) Achas que quando começamos o Projecto de Percussão houve mais atenção da vossa parte?

Houve, porque todos queriam mesmo fazer aquilo e sabiam que se não se portassem bem a professora não lhes dava esse prazer. Começamos a portar bem, nas suas aulas (sorriu) e é isso e fizemos mais aprendizagens.

Fizeram mais aprendizagens a partir daí, porque havendo um bom comportamento as coisas corriam melhor e estavam mais despertos para a aprendizagem, é isso?

Sim.

Mas oh Bruno, tu disseste aí uma frase: *portavam-se bem nas minhas aulas.* Então e nas outras?

(risos) Nas outras era um bocadinho mais complicado.

E o que é isso de ser complicado?

(risos) A nossa turma estava sempre a brincar, tudo aos pinotes dentro da aula, gritavam, falavam muito alto…

Então nas aulas de Educação Musical notas que havia um comportamento diferente, é isso que me estás a querer dizer. Mas isso foi só quando apareceu o trabalho da percussão?

Não, mesmo antes, desde o princípio do ano portávamo-nos melhor nas suas aulas.

Mas isso tinha a ver com o quê?

Não sei, eu penso que aquilo dava prazer de aprender e era por isso que nós nos portávamos melhor.

Prazer de aprender, será que tinha a ver com o facto de vocês praticarem, de vocês estarem sempre a tocar?

Sim, é isso.

Tu estavas ainda há pouco a dizer: *"Gostava de bater nos bidões",* em termos de desempenho musical, consideras que houve evolução em termos técnicos e artísticos?

Chegámos a partir muitos baldes (risos)

Consideras que houve alguma evolução?

Sim.

Em termos técnicos e artísticos, quais foram as diferenças que foste sentindo?

Fui sentindo que cada vez comecei a gostar mais de música, comecei a tocar cada vez melhor, penso eu, depois deu-me mais emoção, comecei também a aprender outras coisas.

Quando dizes: tocava melhor, deu-me mais emoção. Então ter a ver com o facto de estares a sentir a música, estares a sentir o ritmo dentro de ti?

Sim

E sentias que havia alturas que sentias necessidade de tocar mais rápido, mais lento, sentias necessidade de tocar mais forte, mais piano, é isso?

É isso.

Portanto começaste a sentir a música como música.

Pois.

Houve algum momento em que tu te sentiste um músico realmente?

Sim, quando fomos lá no Porque do Bonfim. Senti-me profissional, ali a bater com tantas pessoas e conseguir bater bem, não ter vergonha.

Fizemos várias actividades, já nomeaste uma. Consegues lembrar-te de outras?

Aqui no Parque da Bela Vista, aqui na própria escola…

Em todas as actividades te sentiste um profissional?

Mais numas do que outras. Porque por exemplo ali na sala de música estava a conviver com os meus amigos, já estava mais habituado, mas depois por exemplo no Parque do Bonfim e na Bela Vista apareceu muita gente que eu não conhecia, deu mais… Estava mesmo a imaginar que era um músico profissional.

E o facto de estares em palco.

Sim.

E qual foi a presentação que mais gostaste.

Foi ali no Parque do Bonfim.

Porquê?

Porque, foi com pessoas totalmente diferentes, ninguém conhecia ninguém, as pessoas foram ali para nos ver, ninguém foi obrigado a nada, foi espectacular.

Tinham um palco à seria e fomos todos como se fossemos músicos profissionais….

De autocarro.

Exactamente.

Espectáculo!

E mais e foi o facto de não ter sido um dia de semana qualquer, foi um dia de aulas?

Não, foi um fim de semana… espectáculo.

O facto de ter sido a um Domingo, deixaste de fazer o que tinhas a fazer, num dia de folga, não te importaste de ir desenvolver uma actividade para a escola?

Não até gostei muito, foi um dia que eu não me vou esquecer. Foi muito giro.

E no autocarro? Como é que era o ambiente no autocarro?

Era tudo a gritar, cantar, tudo a falar.

E o que é que falavam?

Falavam que era sobre o que nós íamos bater.

E estavam nervosos?

Eu penso que sim, eu no princípio quando chegámos lá fiquei muito nervoso, mas depois quando cheguei ao palco aliviei um bocadinho.

Então subiste ao palco e sentiste logo diferença ou continuavas nervoso?

Senti logo diferença, fiquei muito nervoso foi quando acabámos, pensei que as pessoas podiam não gostar, mas depois quando começaram todos a bater palmas, senti que gostaram muito. Foi espectacular!

Falaste-me aqui das várias apresentações, se bem que não por estas palavras, falaste-me dos públicos. Para pessoas que vocês não estavam habituados a trabalhar. Tu sentiste diferenças nos públicos que vos assistiram nas diversas apresentações?

Sim.

Que tipos de diferenças é que tu apontarias?

Então diferenças… (…) No Parque do Bonfim foram lá de espontânea vontade e aqui tinham que estar, mas também gostaram. Isso é o melhor de tudo acabar a música e o público gostar muito.

Tu achas que o impacto foi positivo? As pessoas gostaram realmente?

Sim, deram impressão disso, mas eu tenho a certeza que eles gostaram.

Houve no entanto algumas condicionantes, três dos vossos colegas tiveram uma pena disciplinar, ficaram dez dias suspensos das actividades. Vocês foram confrontados com a situação…

De poder acabar, quase a acabar o ano (suspirou)

O que é que tu pensaste? Tínhamos as apresentações para fazer, não tínhamos três colegas o que é que te veio à cabeça?

Eu sabia que se eles não tivessem não valia a pena, aquilo era uma coisa de turma, não… senti-me um bocadinho triste, mas depois quando a stora disse que eles podiam ir, já me senti mais contente.

Pronto mas tu estavas a dizer: *"isto é uma coisa de turma",* então tinha a ver com o grupo em si. Faltavam três elementos…

Se não estivessem não tocávamos.

(…) Eu sei que quando vocês estavam em palco e até mesmo nos ensaios (como tu disseste) tinham comportamentos adequados, vocês sabiam estar, vocês sabiam fazer, vocês sabiam organizar-se. Então e porque é que consideravam isso importante?

Porque (como é que eu hei-de explicar…) Aquilo era espectacular, não sei! Ali nós sentíamos que tínhamos que portar bem.

Se vocês não se portassem bem o que é que acontecia, se vocês não se organizassem como deve ser, não se respeitassem. Era possível fazer o trabalho?

Não, nós tínhamos mesmo que portar bem.

E tinham que se respeitar.

Sim.

Achavas que se não interagissem de forma responsável conseguíamos fazer o mesmo tipo de trabalho?

Não, o trabalho seria muito pior, podia nem haver trabalho. Porque aquilo é uma coisa que nós nos temos que portar bem, temos que estar todos reunidos, porque aquilo era um trabalho em equipa.

Para além de estarem reunidos têm que estar com

Muita atenção.

Mas, eu também sei que estas atitudes nas outras salas deixavam um bocadinho a desejar…

Pois era uma turma um bocadinho complicada nas outras aulas.

Será que de alguma forma este espírito de equipa, de grupo, quando vocês começaram a perceber que tinham que fazer saídas, quando vocês começaram a perceber que se tinham que apresentar publicamente mudou alguma coisa também nas outras aulas?

Mudou, começamo-nos a portar um bocadinho melhor nas outras aulas, houve sempre um problema na disciplina de História, mas isso foi todo o ano, porque, nós sentíamos que aquilo estava a ser bom para nós e sentíamos que tínhamos que nos portar bem, não era só naquela aula mas em todas, porque também a Directora de Turma era da aula de música, por isso começamo-nos a portar um bocadinho melhor, não muito melhor… menos participações.

Depois das apresentações públicas, vocês estavam com outros colegas que vos viram, de outras turmas. De alguma forma eles falavam do vosso trabalho ou tentavam fazer esse trabalho?

Sim. Nós temos lá dois colegas na nossa turma que nos viram ali na sala e na Bela Vista a dizer que também tentaram fazer uma coisa igual, mas não conseguiram. Que a turma não devia estar emocionada para aquilo, mas quando nós entrámos foi mesmo emocionante, conseguimos!

Tu estavas-me a dizer: *"colegas desta turma"* deste ano?

Sim deste ano.

E o ano passado na altura que andavam nas apresentações. Sentiram influenciar outros colegas para isso?

Sim. Muita gente também começou a falar disso.

E o que é que diziam?

Diziam que tocávamos bem e isso. Alguns vinham com os gozos.

E o que era *"os gozos"?*

Estavam cheios de inveja e vinham dizer mal, mas nós não ligávamos. Ligávamos aqueles que não estavam ali para gozar, falavam bem, mas a sério.

Na sala de Educação Musical quando vocês entravam e tinham que mudar tudo de acordo com as peças. Qual era o teu sentir perante a organização do espaço da sala?

Pensava mas vamos fazer uma coisa gira. Valia a pena, estar sempre a mudar a sala.

Achas que essa mudança era feita com organização ou era tudo à toa?

Houve duas ou três vezes que foi um bocadinho à toa, quase todas foi com organização.

E essas duas ou três vezes foram mais no início do trabalho ou mais para o fim?

Foi mais no início.

Então quer dizer que vocês começaram a aprender a organizar?

Sim, quando nós começamos a fazer o trabalho, começou logo tudo a melhorar.

E em termos de solidariedade. Vocês acham que eram solidários uns com os outros? Eram amigos uns dos outros quando estavam a fazer este trabalho?

No princípio foi mal, porque alguns falhavam, eu também…

E quando falhavam eram mauzinhos uns para os outros?

Apontávamos e isso, mas depois bateu o vício e já não reclamávamos.

Eram mais solidários, eram mais tolerantes uns com os outros?

Sim.

E nas apresentações públicas, achavas injusto ficar tudo a vosso cargo quando tinham que organizar os palcos?

Não, não, porque acho justo, porque assim também podíamos… Nós organizávamos o palco como já tínhamos treinado na aula, era assim que estava combinado. Não acho injusto…

Eram vocês que sabiam o lugar das coisas e sabiam fazer bem esse trabalho.

Sim já estávamos habituados.

E era uma questão de autonomia, vocês faziam as coisas à vossa maneira, não precisavam de mim para nada.

(risos)

Não precisavam de mim para tocar, não precisavam de mim para organizar, o que é que eu fazia aqui no meio disto tudo?

A professora era a maestra.

Maestrina pode ser?

Pois maestrina (risos)…

Vocês ligavam-me alguma importância quando eu estava a reger?

Não porque olhávamos uns para os outros, estava sempre assim, assim…

Guiavam-se uns pelos outros. Eu era maestrina só para alguns, só para aqueles que me ligavam. (risos)

Quando estás a tocar para os outros: Quando tu sobes a um palco, quando tu estás a toca e quando acaba a actuação. Pensa nestes momentos que compõe a apresentação, até mesmo quando saem de palco, e descreve as emoções que vais sentindo.

Sinto-me nervoso antes de entrar, depois começo a tocar fico mais calmo, o meu nervosismo vem mais, é no fim, é saber se as pessoas gostam ou não do nosso trabalho.

E ansiedade, sentes de alguma forma?

Sinto, fico muito ansioso.

E satisfação?

Sim, fico sempre satisfeito.

Para terminar, tens vontade de continuar um trabalho musical Bruno?

Sim, gostava muito.

E quais são as perspectivas que tens a esse nível?

Eu gostava.

Vês alguma hipótese, alguma possibilidade de continuar a fazer música?

Faço, tenho um amigo que tem uma bateria e sabe tocar, ensinou-me e vou dar uns toques.

Bruno agradeço imenso teres vindo à Escola e agradeço imenso a tua entrevista. Obrigada

Nada.